

Análise técnica dos tembetás da porção piauiense da Chapada do Araripe

Technical analysis of the tembetás of the piauiense portion of Chapada do Araripe

11

Ekles Araujo Mateus

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil
eklesmateus@gmail.com

Mauro Alexandre Farias Fontes

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil
maffontes@gmail.com

RESUMO

Nesse trabalho de análise de material lítico buscamos compreender se há similaridades técnicas entre os seis artefatos de ornamento labial conhecidos como tembetás de dois sítios distintos, mas próximos um do outro, que são os sítios Brite I e Brite II, localizados em Caldeirão Grande do Piauí-PI na porção piauiense da Chapada do Araripe. Como sabemos, povos de diferentes culturas produziam seus artefatos líticos para diversos fins práticos, ritualístico e também decorativos, como é o caso dos tembetás, com técnicas distintas e variações de matérias-primas. Sendo assim, os estudos dessas técnicas se mostram relevantes para também buscar particularidades, similaridades e diferenças entre as culturas de povos pretéritos. Esses seis tembetás estão divididos entre os do tipo T clássico, que contém uma haste preensível e outra alongada chamada de haste decorativa, e o do tipo T, que não possui tal alongamento. A análise busca conhecer além do aspecto técnico, a matéria-prima com os quais foram confeccionados os tembetás para fins de comparação entre os sítios e que compreendamos um pouco mais sobre esses artefatos, suas técnicas e também sobre a cultura e suas aplicações sociais dos povos que faziam uso dos tembetás.

Palavras-chave: Tembetás; Material Lítico; Ornamento Labial.

ABSTRACT

In this work of analysis of lithic material, we seek to understand whether there are technical similarities between the six lip ornament artifacts known as tembetás from two different sites, but close to each other, which are the Brite I and Brite II, sites located in Caldeirão Grande do Piauí- PI in the Piauí portion of Chapada do Araripe. As we know, people from different cultures produced their lithic artifacts for various practical, ritualistic and also decorative purposes, such as the tembetás, with different techniques and variations of raw materials. Therefore, studies of these techniques are relevant to also seek particularities, similarities and differences between the cultures of past peoples. These six tembetás are divided into the classic T-type, which contains a prehensible rod and an elongated one called the decorative rod, and the T-type, which does not have

such an elongation. The analysis seeks to know beyond the technical aspect, the raw material with which the tembetás were made for purposes of comparison between the sites and that we understand a little more about these artifacts, their techniques and also about the culture and their social applications of the peoples who used the tembetás.

Keywords: Tembetás; Lithic Material; Lip Ornament.

1 INTRODUÇÃO

Embora sejam abundantes os trabalhos acerca da cultura material de sítios arqueológicos ao redor do globo, contendo vasta bibliografia, referências e conhecimento técnico, suas aplicações e afins, os estudos sobre os ornamentos labiais denominados de tembetás ainda são escassos e essa escassez é mais visível principalmente sobre os achados na região Nordeste do Brasil, ficando eles relegados na grande maioria dos casos como parte componente do contexto principal do recorte a ser estudado naquele sítio, que seria os conjuntos cerâmicos. Com isso não queremos dizer que seja proposital ou que os pesquisadores não tenham os adornos tembetás como irrelevantes. Pelo contrário, já que qualquer artefato arqueológico tem sua importância na compreensão de todo o sítio (Hodder, 1982; 1988) na busca de sua compreensão mais fundamentada no que se propõe uma pesquisa em seus recortes.

Numa pesquisa, a finalidade desse recurso é, além de descrever uma estrutura, analisar o funcionamento e as mudanças dos fenômenos observados. Dessa maneira, para estabelecer os perfis técnicos, a aplicação sistêmica permitirá identificar, ordenar e descrever de forma sistemática, cada um dos procedimentos técnicos, estabelecendo as relações e as hierarquias entre os seus componentes (Oliveira, 1991, p. 66).

Segundo Ruth Prado (1942), em seu trabalho para a Revista do Arquivo intitulado de Contribuição para o estudo do Tembetá de 1942, O primeiro escritor a textualizar o uso de tembetás na literatura sobre o Brasil foi Pero Vaz de Caminha em sua carta para o rei de Portugal Don Manuel I, narrando a sua visão dos índios que usavam, nas palavras de Caminha, “em seu lábio inferior furado e metido nele um pedaço de osso do tamanho de um fuso”. O fuso ao qual se referia o escrivão-mor Caminha se tratava de uma grande agulha de madeira usada nos equipamentos de tear. A partir dessa primeira impressão, os registros antropológicos de estudos europeus e também nacionais

passavam a compreender mais detalhadamente suas funções e aplicações no dia a dia daqueles que os ostentavam.

As primeiras documentações sobre adornos vêm desde meados do século XIX em *L'Homme Primitif* (1870) de L. Figuiier. O autor destaca o papel social que esses elementos tinham na organização social nas sociedades pretéritas, assim como as matérias primas utilizadas em um contexto pré-histórico e também etnográfico.

Uma abordagem também presente em: *Prehistoric Times* (1865) de J. Lubbock e em *An Introduction to the Study of Prehistoric Art* (1915) de E. Parkyn, estão entre obras pioneiras que manifestam interesse sobre tipologias e matérias-primas de adornos. Importante também mencionar o estudo pioneiro de adornos nas representações rupestres no início do século XX e também em *El Hombre Fósil* (1925) de H. Obermaier, onde o autor analisa os caracteres ornamentais presentes na arte rupestre Levantina (conjunto da arte rupestre da bacia mediterrânica da península Ibérica).

O tembetá, do tupi antigo *Embetara* ou *Emetara*, e que também é conhecido como Tametara, Metara e Pedra de Beijo, é um artefato confeccionado manualmente em material inflexível, como madeira, ossos, minerais e rochas, de formato alongado, para serem fincados em orifícios de seus lábios inferiores (Figura 1). Seu uso começa, dentro das tradições das comunidades Kaiowás, segundo Paschoalick (2001), quando o jovem indígena passa pelo ritual de mudança para a vida adulta. Além de expressar de forma simbólica a sua iniciação para sua nova vida e obrigações, o Tembetá seria também uma forma de caracterizar a sua conduta perante os demais membros de sua comunidade. Uma importante observação sobre os sítios Tupis, a morfologia dos tembetás se apresentam em pelo menos dois formatos, que é o que tem a forma de “T”, em que uma parte denominada haste preensível fica dentro da boca do indígena e a outra mais longa que chama de Haste decorativa e o que é mais curto, sem se alongar lábio abaixo, parecendo um pequeno disco abaixo dos lábios (Corrêa, 2011).

Figura 1

Gravura do século XVI mostrando um líder tamoio Cunhambebe usando um tembetá do tipo discoidal abaixo dos seus lábios.¹



Adaptado de *Ciência hoje* (2018).

O século XX trouxe novas perspectivas metodológicas e teóricas que vão além de meros aspectos morfológicos para o estudo dos adornos, como análises do contexto, a utilização da Arqueometria e experimentações para alcançar o mundo simbólico e sua representação na estrutura social de grupos pré-históricos ou mesmo contemporâneos. Entretanto, após uma breve narrativa histórica da ciência arqueológica em torno da temática do adorno e suas múltiplas abordagens, esse projeto de pesquisa tem um recorte voltado para o aspecto técnico morfológico do adorno Tembetá e sua matéria-prima. Por definição existe uma grande variedade tipológica do artefato, também como o contexto de sua utilização entre os indígenas como observa Prous:

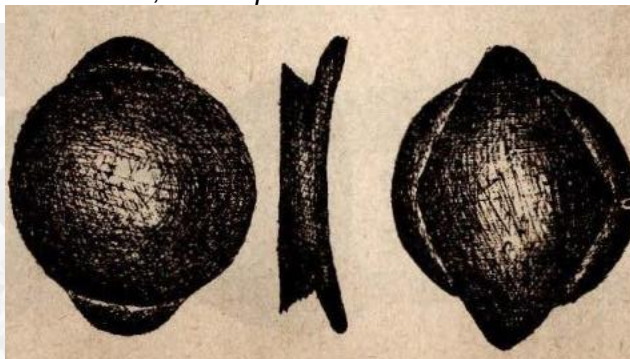
Tembetá: adorno exclusivamente masculino, inserido no lábio inferior por um orifício praticado no momento da cerimônia de iniciação dos jovens; pode ser pedra, osso, madeira, resina ou pena; no tembetá em forma de disco (botoque) usado por vários grupos indígenas do Brasil central está a origem do nome “botocudo” dado a estes índios pelos portugueses (Prous, 2003, p.105).

¹ Essa é uma clássica imagem ilustrativa do uso desses adornos entre os povos nativos. Os primeiros europeus a retratarem Cunhambebe foram um soldado alemão e um religioso francês que o classificaram como alguém a ser temido pelas missões portuguesas do período (Mazza, 2011).

Entretanto, é importante salientar a variedade de materiais e formatos do artefato, condicionados a diferentes grupos indígenas, gerando assim características morfológicas bem particulares, como exemplo dessa variante o autor cita o “botocudo” com um tembetá em formato circular (Figura 2).

Figura 1

Exemplo de tembetá botocudo, citado por Prous.



Adaptado de Prado (1942).

Esses artefatos estudados neste trabalho, seis ao todo, foram encontrados em dois sítios arqueológicos localizados na porção piauiense da Chapada do Araripe, a qual falaremos mais adiante e a coleção arqueológica desses sítios é composta, além dos tembetás, em grande maioria de cerâmicas tupiguaranis.

A identificação de sítios Tupiguarani na vertente piauiense da Chapada do Araripe é recente, e advém das atividades de Arqueologia Preventiva realizadas no município de Caldeirão Grande do Piauí, a partir de 2013, para a instalação de complexos eólicos. Os trabalhos de prospecção, regaste e monitoramento arqueológico nesta área permitiram a identificação de diversos sítios arqueológicos, sendo que no presente trabalho abordaremos 11 deles: Brite I, Brite II, Cachoeirinha I, Cachoeirinha II, Cachoeirinha III, Caboclo I, Caboclo II, Caboclo III, São Basílio I, São Basílio II e Viúva (Fontes et al., 2017, p. 11).

Desses sítios, apenas dois deles haviam tembetás; os sítios arqueológicos Brite I e Brite II. Os tembetás foram coletados durante as escavações e estava em sub-superfície e superfície.

2 OBJETIVO GERAL

Neste trabalho abordaremos especificamente as análises técnicas e as matérias-primas dos Tembetás em dois sítios arqueológicos na parte piauiense da Chapada do Araripe com a finalidade de compreender seus aspectos técnicos e/ou tecnológicos empregados nas confecções desses artefatos da cultura material com a finalidade de entender se há similaridades ou diferenças entre eles. Desse modo, nosso questionamento é: Há diferenças técnicas e de confecção entre os seis tembetás encontrados nos sítios arqueológicos Brite I e Brite II?

Portanto, o objetivo desse trabalho é estudar os seis tembetás encontrados em escavação na Chapada do Araripe e entender suas características técnicas com a finalidade de compreender as utilizações desse tipo de artefato na região, caracterizando o perfil morfológico, além de determinar o tipo de matéria-prima dos tambetás da Chapada do Araripe afim de conhecer um pouco mais das técnicas que os grupos humanos utilizaram na fabricação desses tambetás, além de verificar as diferenças ou semelhanças dos artefatos nos dois sítios.

3 OBJETIVO ESPECÍFICO

A pesquisa gira em torno do aspecto morfológico do adorno tembetá que estão dispostos no laboratório da UNIVASF. Tem como objetivo responder as questões ligadas a origem desses artefatos observando as particularidades presentes em suas formas ou matéria-prima utilizada.

Há similaridades ou diferenças técnicas entre os tembetás encontrados nos sítios Brite I e Brite II? Essa comparação é necessária para que tenhamos parâmetros objetivos para estudos futuros desses artefatos específicos.

4 JUSTIFICATIVA

Há uma famosa frase atribuída ao físico inglês Isaac Newton que diz: “Se eu vi mais longe, foi porque eu estive sobre os ombros de gigantes”. Essa parece ser a tônica das ciências desde que a conhecemos atualmente e simplesmente quer dizer que todo conhecimento científico foi construído sobre as descobertas dos cientistas antecessores que de algum modo entenderam parte do mundo que lhes rodeavam, ou seja, esses cientistas buscavam colocar, tijolo a tijolo, suas contribuições sobre o alicerce fundado

em algum momento do passado por alguém que tinha suas inquietações sobre as naturezas exatas, naturais e humanas. Emmanuel Kant também nos diz que “todo o conhecimento se inicia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência” (KANT, 1997, p. 36), portanto, além do conhecimento adquirido advindo dos “gigantes”, precisamos experimentar de forma empírica novas percepções para avançar no saber e no conhecer.

Filosofia a parte, esse trabalho se justifica, num primeiro momento, principalmente no ineditismo desses estudos e abordagem sobre os tembetás da porção piauiense da Chapada do Araripe e que, além de estabelecer as características técnicas e de manufatura desse tipo de artefato, ajuda também conhecer as técnicas empregadas pelos grupos humanos que ocuparam essa região da Chapada do Araripe, seus costumes, sociedades e culturas. Esses fatores são importantes para que uma vez determinada uma técnica para os tembetás aqui estudados, venham a, em estudos futuros de eventuais novos artefatos ornamentais que vierem a ser encontrados, servirem de base para comparação e complementação.

Portanto, além de produzir uma luz aos aspectos citados dos tembetás da porção piauiense da Chapada do Araripe, esse trabalho poderá servir de contribuição futura para a ciência arqueológica piauiense e nacional servindo como mais um tijolo na grande estrutura do conhecimento humano, assim como diziam os nossos antecessores.

5 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS E OS TEMBETÁS

A Chapada do Araripe é uma unidade geológica que compreende uma área de aproximadamente doze mil quilômetros quadrados de acordo com o site da URCA (Universidade Regional do Cariri), que é situada na mesma região abarcada pela chapada (Figuras 3 e 4). A Chapada do Araripe está assentada entre os meridianos 41°00” e 30°00” W e os paralelos 7°00” e 8°00” S, com altitudes em torno de 800 metros em relação ao nível do mar. Essa vasta área de bacia sedimentar, uma das maiores do Brasil, alcança três estados da federação que são Ceará, onde está a maior porção incluindo uma área de extensos achados e registros fosseis paleontológicos de milhões de anos, segundo informações do Museu Paleontológico Plácido Cidade Nuvens, sediado em Santana do Cariri-CE, além de Pernambuco e Piauí. Esta última porção de chapada inclusive é onde estão situados os sítios arqueológicos Brite I e Brite II (Figura 5), dentro dos limites do município de Caldeirão Grande do Piauí-PI.

utilizada para agricultura de sequeiro, abarca um perímetro em torno do rio (cerca de 6.500 m²) foi impactada pela construção do Caldeirão Grande (Fontes, 2017).

Figura 2
Visão macro da área que abrange a CCB, a região regional e local, mostrando onde cada população está localizada.

O mapa apresenta uma visão macro da área de estudo, mostrando a localização da CCB (Complexo de Criação e Conservação Biológica) em relação à região regional e local. A CCB é destacada em verde no mapa regional, e o mapa local mostra a área de estudo em detalhe, com a CCB em verde e a região local em amarelo. O mapa regional inclui as siglas PI, CE e PE, e o mapa local inclui a sigla CCB. O mapa regional também mostra a localização da CCB em relação ao rio São Francisco e ao rio São João.

de 22.300 m², sendo que uma parcela do sítio é ocupada pelo empreendimento Parque Eólico (Silva et al., p. 34).

Chapada do Araripe nos contextos nacional, regional e local. A abordagem abarca os três estados.

O mapa principal, intitulado "Mapa de Localização", mostra o Brasil dividido por estados. O estado de Pernambuco está destacado em rosa. Um retângulo verde indica a localização da Chapada do Araripe no nordeste brasileiro. Duas setas apontam para mapas de inserção: um no canto superior esquerdo mostrando o Brasil inteiro com o Nordeste em verde, e outro no canto inferior esquerdo mostrando apenas o estado de Pernambuco com a Chapada do Araripe em verde. Cada mapa possui uma escala gráfica e uma seta indicando o norte.

Visão macro da área que abrange a Chapada do Araripe nos contextos nacional, regional e local, mostrando onde cada porção abarca os três estados.



testes em busca de atividade humana pretérita (Fontes, et al., 2017). Ao todo são 156 torres eólicas dentro de 15 parques energéticos.

6 REFLEXÃO TEÓRICA

Os conceitos generalistas de adaptação formulados por Binford, que concebe a cultura como um processo de adaptação humana ao meio ambiente. Desse modo Binford (1980) afirma que a busca para a origem desses artefatos se dá entendendo sua “cadeia operatória”.

No decorrer dessas discussões, vou considerar os tipos de sítios arqueológicos gerados em diferentes ambientes, bem como algumas das prováveis modalidades espaciais entre esses sítios. O bom diagnóstico é "dependente da teoria". Quero, então, me preocupar com os fatores que condicionam ou "a causa" de diferentes padrões de variabilidade entre sítios no registro arqueológico (Binford, 1980, p. 5).

A origem do termo cadeia operatória, que é a busca de dar sentido a um artefato entendendo seus processos de manufatura e de uso, remete a ciência antropológica, entretanto este conceito aos poucos foi assimilado pela ciência Arqueológica e utilizado como raciocínio analítico de materiais arqueológicos líticos de diferentes temporalidades utilizada na Arqueologia, por Leroi-Gourhan na década de 1960.

Dentro de uma perspectiva próxima, está também a “cadeia comportamental” de Schiffer (1972) onde se observa as escolhas tecnológicas feitas pelos artesãos durante a fabricação dos artefatos e desta forma chegar a uma interpretação arqueológica.

Quando abordamos as observações de cunho teórico, imediatamente surge diante de nós a preocupação com os aspectos tecnológicos e de sua cadeia de produção sistemática, uma vez que são processos ligados não apenas ao fabrico de ferramentas e conjuntos artefatuais, mas a todo um grupo de indivíduos culturalmente distinto, ou não, que efetivamente manufaturavam esses objetos com diversos intuitos e finalidades (Lemonnier, 1992). Esses denominados estudos e análises tecnológicas, ainda segundo Lemonnier, são procedimentos que tendem a ajudar ao pesquisador no entendimento, das relações possíveis de se identificar, sobre as cadeias operatórias que deram origem ao artefato. A partir dessa perspectiva teórica, há de se verificar uma trilha deixada por esses indivíduos, na qual se poderia reproduzir desde a escolha e busca

de matéria prima, passando pelo artefato em uso, retoques ou alterações até finalmente o seu descarte (Dias, 1994, p. 76). Assim poderíamos, como pesquisador, vislumbrar um passado possivelmente recriado a partir dos dados analisados e contar suas histórias, já que os sistemas tecnológicos quando associados aos modos culturais e sociais se traduz em modelos com traços de sutil exclusividade, sejam na estética, (Dias & Silva, 2001, p.6) aspectos ritualísticos ou de usos exclusivos para certos gêneros específicos como homens ou meninos, a exemplo dos tembetás.

Esse conhecimento é um caracterizador social dos grupos; é um dos parâmetros que permitem identificar um grupo étnico. Cada grupo desenvolve um modo diferente de construir seus objetos, tanto os utilizados na vida cotidiana, como os utilizados nas atividades rituais. Na reconstituição pré-histórica, deveremos segregar as características de cada técnica empregada na produção dos diversos objetos culturais de cada grupo. Cada vestígio, seja lítico, cerâmico ou uma representação gráfica-rupestre, possui certas características técnicas que podem ser organizadas num perfil técnico. O conjunto desses perfis técnicos referentes às diversas práticas, irão caracterizar tecnologicamente o grupo étnico estudado (Oliveira, 1991, p. 64).

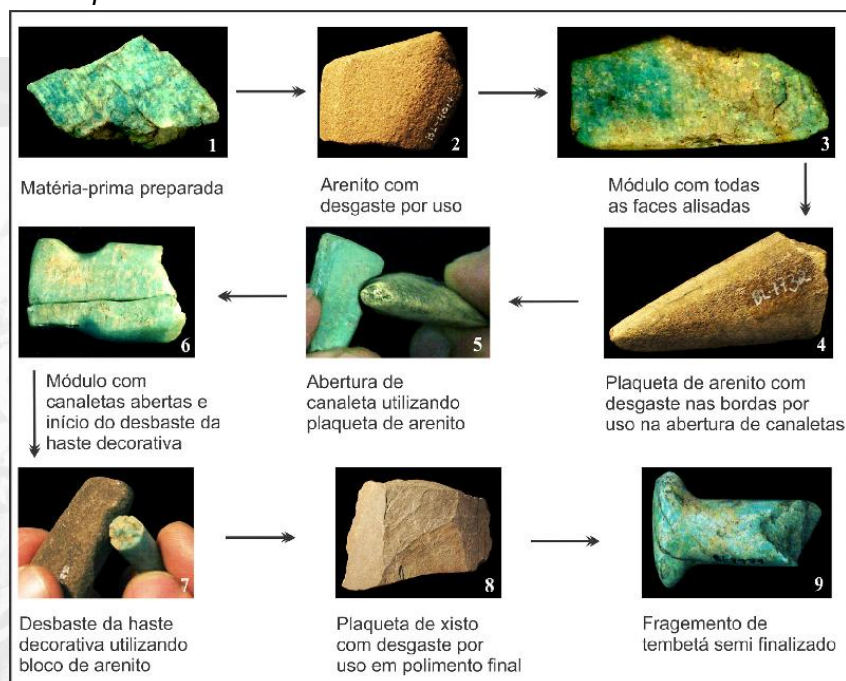
Falando especificamente dos artefatos denominados de “tembetás”, a sua cadeia operatória está intimamente ligada aos sítios Tupi (Prous, 2006, p. 103) e que se destacavam por serem usados apenas pelos homens, com alto valor simbólico, mas também são citados os Kaiowás, do Mato Grosso do Sul, por Paschoalick (2001), mantendo a mesma interpretação de seus usos, masculino e hierárquico.

Quando se faz um apanhado de todos esses autores em suas perspectivas teóricas e também material, podemos ter uma visão menos deturpada do nosso passado, em especial dessa antiguidade, ao qual pertencia o uso dos tembetás encontrados na chapada do Araripe e que são os elementos principais desse trabalho. As comunidades indígenas que viviam nessa região, podemos supor com base nos artefatos tembetás encontrados nos sítios, compartilhavam da mesma ótica que seus demais pares de outras regiões, adotando o adorno labial como prova de passagens de fases etárias, aumentando as suas responsabilidades. Porém, o que mais convém nesse estudo é justamente as suas morfologias e suas técnicas (Figura 6). Como Prous nos alertou, os tembetás eram diferentes entre as crianças, e adultos. Desse modo,

podemos supor que a técnica de manufatura usada era diferente já que para as crianças eram feitas de ossos de veados e os dos adultos, de rocha verde.

Figura 5

Cadeia operatória de Brejo Santo-CE, situada na porção cearense da Chapada do Araripe, podendo perfeitamente se encaixar na mesma cadeia operatória dos artefatos de Caldeirão Grande aqui estudados.



Adaptado de Corrêa (2011).

Há, ainda, como consenso estrutural, uma morfologia padrão no sentido de fazer com que o Tembetá se sustente por si só que é justamente o formato de “T”. A parte transversal e mais curta tem a função de segurar o artefato entre a gengiva e a pele do lábio inferior, firmando-o. Alguns relatos como o de André Thevet, um franciscano francês que esteve no Brasil no século XVI descreve sobre como essa prática dificultava a dicção e, ainda mais, que se podia ver a saliva escorrendo pelo orifício quando a peça era retirada (Prado, 1942).

Além das formas alongadas mais comuns em formato de “T” há outra forma que foi estudada e bem detalhada pelo pesquisador Ladislau Mello Neto. Essa forma apresenta um aspecto externo circular, como que um botão ou um broche, o subtipo “discoide”.

Os registros antropológicos e arqueológicos nos trazem ainda outros aspectos de sua morfologia além dos Cilíndricos e Circulares, tais como os Cônicos, com a parte medial mais volumosa e a parte apical pontuda de modo mais dramático e os Pinacoidais ou Tabulares, com ornamentos de conchas e penas em seu corpo alongado.

7 PROPOSTA METODOLÓGICA

Quando trazemos todos esses elementos da ação humana sobre as rochas na confecção de material lítico para ferramentas e adornos inseridos nas questões sociais e culturais, vemos a assinatura de uma comunidade quando observamos sua morfologia final, uma vez que esse aspecto também é fruto de necessidades específicas de cada grupo (Dias, 1994, p.87) e isso nos faz ainda mais querer compreender esses aspectos das ações e intuitos humanos além das suas criações em rochas e suas formas. Para tal, alguns dos aspectos já citados aqui são fundamentais: compreender a técnica de manufatura e sua funcionalidade, às quais se pode ainda dividir em outras quatro etapas ou processos importantes que são a procura da melhor matéria prima, aquela que mais se adequa ao estresse que será infringido em seu uso, a própria matéria prima para produção do artefato, além do uso da ferramenta ou adorno lítico e por fim o seu reaproveitamento ou descarte (Schiffer, 1972, p. 158). Além desses passos analíticos, Collins (1975, p. 17) acrescenta a preparação da rocha usada como núcleo e refina ainda mais as ideias de Schiffer quando trata da manutenção que também pode ser realizada em artefatos líticos. Levando consideração as observações dos citados autores, faremos a análise dos aspectos físicos característicos dos tembetás seguindo seus procedimentos em ordem de citação. Assim sendo, instituiremos uma metodologia para análise desses artefatos ornamentais da seguinte maneira:

- 1 - Análise da matéria prima;
- 2 – Análise do acabamento do artefato (Se polido ou não);
- 3 – Análise Técnica (Formato T clássico ou sem a haste decorativa;
- 4 – Largura e Comprimento dos tembetás.

Em ato contínuo, sequenciaremos as análises e as descreveremos os processos de cada aspecto metodológico. Nesse caso, utilizando a estrutura da Reserva Técnica da UNIVASF, analisaremos a matéria-prima para determinar a sua natureza, se orgânica ou mineral, com a utilização de lentes de aumento em que se pode verificar a porosidade, no caso de ossos, ou cristais e sedimentos no caso de rocha. Uma vez que determinada a matéria-prima, a depender do material, o segundo quesito já será analisado nesse momento, que o acabamento, se polido ou não e o terceiro que é justamente a técnica de manufatura que foi ali aplicada para se verificar a morfologia. Como vimos nos capítulos anteriores, o tembetá tem dois formatos icônicos; um de "T" em que suas partes são divididas em duas, que são a Haste Preensível que seria a

“cabeça” do artefato e a Haste Decorativa que é justamente a parte que fica visível e destacada. O outro formato é o tipo T que não apresenta a haste decorativa alongada.

Continuaremos com a quarta etapa que é a análise das medidas, que consistiu em literalmente medir suas extremidades em comprimento e largura para determinar o tamanho de cada peça, usando paquímetro de precisão eletrônico para chegar a um número mais preciso e separando-os em dois grupos a princípio: o primeiro é o sítio arqueológico Brite I e o segundo, o sítio arqueológico Brite II, seguindo uma ordem numérica (sítio I e sítio II). Depois dessas análises, fotos e gráficos serão produzidos para melhor compreensão dos artefatos e dos resultados alcançados nesse estudo.

8 ANÁLISE DOS TEMBETÁS

SÍTIO BRITE I

Ao analisar os quatro tembetás do sítio arqueológico Brite I, tendo como parâmetro a sequência de procedimentos citados na Metodologia deste trabalho, observamos primeiro por meio de lentes de aumento e luzes a presença de cristais de quartzo por todo corpo do artefato, indicando se tratar de uma rocha do mineral quartzo branco leitoso, abundante na região, em todos os quatro tembetás analisados nesse sítio. Portanto, todos os quatro tembetás do sítio Brite I apresentam como matéria-prima quartzo branco leitoso. Esse fato demonstra a preferência por matéria-prima mais acessível na área.

Após a confirmação da matéria-prima, seguindo a sequência da análise, observamos a superfície do material e foram identificados os acabamentos dos tembetás. Todas as quatro peças de tembetás foram polidas.

Os quatro tembetás do sítio foram analisados, no terceiro aspecto, quanto aos seus aspectos morfológicos. Um único tembéta foi classificado como sendo do tipo clássico “T”. as peças caracterizadas como tipo clássico “T”, apresentando as duas partes denominadas hastes preensíveis e hastes decorativas. Os demais tembetás desse sítio, três ao todo, foram identificados como sendo o tipo T sem o alongamento, mais curto e sem a haste decorativa (Corrêa, 2011).

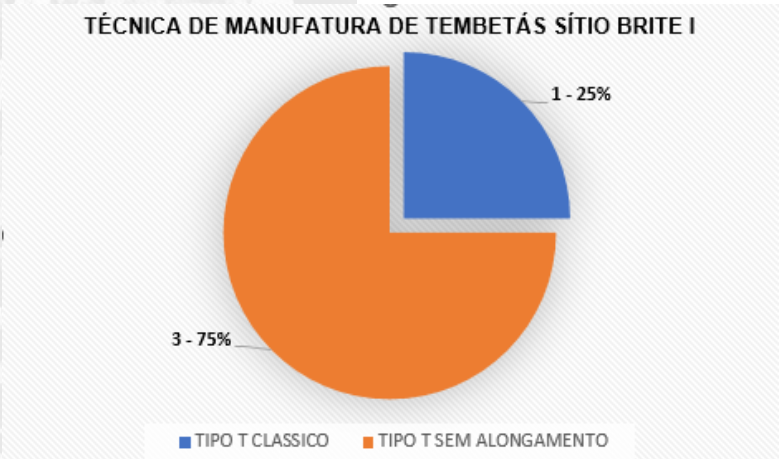
No quarto aspecto a ser analisado, efetuamos as medições com um paquímetro eletrônico peça por peça medindo suas extremidades em comprimento e largura para compreender melhor a morfologia dos quatro artefatos desse primeiro sítio (Tabela 1; Gráfico 1). Continuando, os outros três artefatos eram do tipo discoide e tinham dimensões e morfologia similares entre eles. Após esse processo, efetuamos as

fotografias das peças com escala de 1 centímetro para melhor representação nesse trabalho (Figuras 8 a 11).

Tabela 1
Planilha de visualizações das medidas dos tembetás do sítio arqueológico Brite I.

MEDIDAS DOS TEMBETÁS DO SÍTIO BRIE I			
CÓDIGO DA PEÇA	TIPO T	COMPRIMENTO MM	LARGURA MM
18886-2	CLÁSSICO	32,06	17,64
16477	SEM ALONGAMENTO	7,64	11,59
15237	SEM ALONGAMENTO	13,98	12,32
15665-1	SEM ALONGAMENTO	14,97	11,61

Gráfico 1
Gráfico sobre a porcentagem de elementos das técnicas de manufatura de tembetás presentes no sítio Brite I.

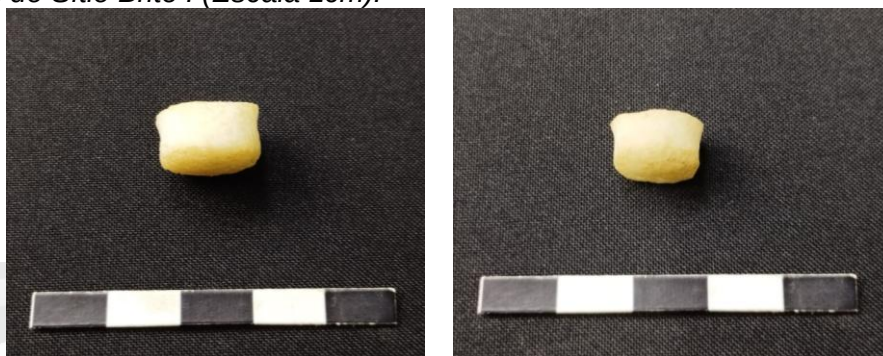


Figuras 7 e 9
Tembetás do Sítio Brite I (Escala 1cm).



Figuras 10 e 11

Tembetás do Sítio Brite I (Escala 1cm).



26

SÍTIO BRITE II

Iniciamos os procedimentos no segundo sítio, o Brite II e seus dois únicos artefatos. Utilizando a mesma sequência metodológica utilizada no sítio Brite I, usamos as lentes de aumento e luzes para também ajudar na identificação da matéria-prima como rocha de mineral quartzo branco leitoso. Desse modo, podemos ver que a preferência dos povos que os utilizavam era mesmo por adereços confeccionados com materiais de fácil acesso, já que esse tipo de mineral rochoso é comum em toda região nordeste do Brasil.

A segunda etapa da análise identificou que todas as duas peças que compõe a coleção de tembetás desse sítio foram polidas em seu acabamento final.

No terceiro passo, quando observamos as características técnicas dos dois únicos tembetás desse sítio, identificamos um artefato do tipo T clássico, que contém a haste prensável e a haste alongada decorativa e um do tipo sem o alongamento, totalizando dois artefatos e dois tipos técnicos.

O quarto e último quesito da metodologia nos levou à análise das medidas, usando o mesmo paquímetro eletrônico de precisão para efetuar as medições das extremidades, comprimento e largura, para seguirmos com os mesmos procedimentos para uma maior compreensão dos artefatos (Tabela 2; Gráfico 2). Em seguida, foram feitas fotografias com escala dos artefatos (Figuras 9 e 10).

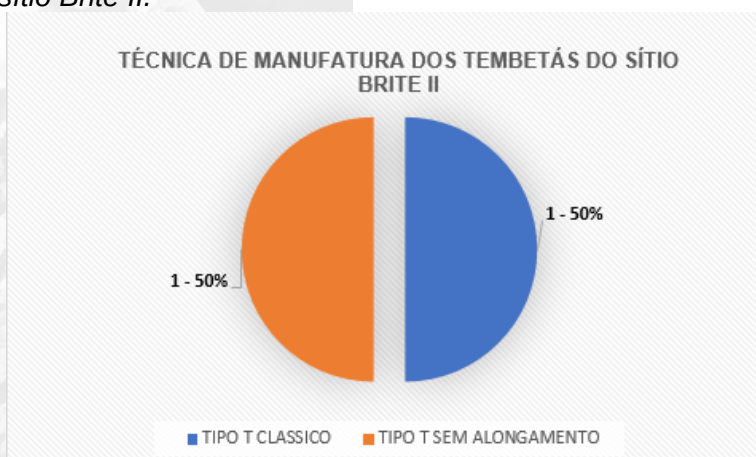
Tabela 1

Planilha de visualizações das medidas dos tembetás do sítio arqueológico Brite II.

MEDIDAS DOS TEMBETÁS DO SÍTIO BRITE II			
CÓDIGO DA PEÇA	TIPO T	COMPRIMENTO MM	LARGURA MM
18897-5	CLÁSSICO	23,35	6,91
18897-6	SEM ALONGAMENTO	7,1	10,14

Gráfico 1

Gráfico sobre a porcentagem de elementos das técnicas de manufatura dos tembetás presentes no sítio Brite II.



Figuras 9 e 10

Tembetás do sítio Brite II (Escala 1cm).



9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o estado físico do material, a análise superficial da matéria-prima de todos os seis adornos aqui estudados seguiu mostrando que todos os elementos foram manufaturados em Quartzo branco leitoso, mineral abundante na região da

Chapada do Araripe, demonstrando que os indígenas que os manufaturaram utilizavam os elementos que encontravam ao seu alcance imediato. Outro detalhe importante é que pudemos ver que esses materiais líticos também foram cuidadosamente polidos, uma vez que materiais de pequenas dimensões como esses tembetás em questão são mais delicados e frágeis.

Quando passamos a verificar quantitativamente os tipos de artefatos encontrados no Brite I, observamos que os tipos T sem o alongamento da haste decorativa, cujas dimensões máximas estavam entre 14,97mm e 7,64mm de comprimento e 12,32mm e 11,59mm de largura, formavam a maioria nesse sítio arqueológico, que contava com mais um adorno do tipo T clássico. Em números totais do Brite I, são quatro artefatos ao todo sendo que há uma disparidade de três quartos ou 75% a favor dos formatos T sem alongamento de haste.

Voltando a nossa atenção para o sítio arqueológico Brite II, observamos a presença de dois artefatos do tipo T, sendo um clássico e outro T sem alongamento e ambos mantendo suas integridades. O formato “T” clássico alcança 23,35mm de comprimento por 6,91mm de largura enquanto o formato T sem alongamento mede entre 10,69mm de largura por 7,10mm de comprimento. Nesse caso, a proporção percentual é de 50%.

Como os gráficos também nos mostraram, há entre todos os tembetás, dos dois sítios, Brite I e Brite II, de formato T sem haste decorativa uma similaridade em suas dimensões, demonstrando que seus autores tinham total e pleno domínio das técnicas necessárias para produzir esses adornos em série.

As primeiras observações sobre os materiais líticos aqui estudado nos mostraram que os adornos foram confeccionados em quartzo branco leitoso, material abundante na região nordeste do Brasil e que foram polidos, mostrando que há uma total similaridade técnica em ambos os sítios. Conforme nos aprofundamos e de acordo com as análises realizadas acerca da técnica de confecção dos tembetás, objetos desse trabalho, há apenas um tipo de artefatos no acervo de seis tembetás estudados e que correspondem caracteristicamente com os dos sítios de ocupação tupi (Corrêa, 2011) divididos entre duas técnicas que são o do tipo em “T” clássico, composto por sua haste preensível e a haste decorativa e o tipo do “T” sem seu alongamento de haste evidenciada. Somando os artefatos dos dois sítios, temos então 2 tembetás do tipo T clássico e 4 do tipo T sem alongamento da haste decorativa. Observamos também o bom estado de conservação, demonstrando a sua importância social e individual já que também vimos um pouco sobre a relevância cultural desse adorno.

Neste ponto, outro questionamento se fez presente: se esses artefatos orais estão em bom estado, foram eles abandonados já que não há indícios encontrados de enterramentos nos sítios? O que teria feito com que esses artefatos orais estivessem ali naqueles sítios arqueológicos?

Buscando entender nesse momento se haveria algum aspecto de diferenciação que caracterizasse os tembetás de uso ou de enterramentos, encontramos uma luz em um artigo de sobre cultura material de adornos em enterramentos, Arqueologia dos Adornos, na qual Silva nos apresenta uma visão da morfologia dos tembetás encontrados em contexto de enterramento no sítio Justino, na área arqueológica de Xingu em Canindé de São Francisco-SE.

Normalmente apresentando a forma de T, os tembetás nem sempre são confeccionados com a mesma composição. Algumas vezes é possível encontrar apenas o corpo da peça em mineral, sendo atribuído o uso da base a um material de resina que apresenta menor resistência e conservação nos enterramentos (Silva et al., 2014, p. 56).

Nesse caso, os dois únicos tembetás que estão associados a enterramento no sítio Justino são do formato T clássico, com haste preensível e haste decorativa alongada e, sendo assim não parece haver nenhum aspecto específico de diferenciação técnica entre os adornos encontrados em sua pesquisa associados a contextos de enterramento e os adornos desse trabalho que não estão associados a enterros. Portanto, não há como determinar uma técnica a aspectos específicos como esse e mesmo que já conheçamos boa parte das suas associações, principalmente nas culturas materiais como os adornos, permite-se uma “gama de interpretações relacionadas ao próprio artefato, (...) ou ao grupo ao qual pertencia” (Silva et al., 2014).

Desse modo, entendemos que os tembetás estudados nesse trabalho têm as mesmas características quanto a morfologia e a matéria-prima dos artefatos, que trata dos adornos encontrados em contexto de enterramento.

Com isso podemos supor que os indivíduos que foram enterrados com seus tembetás simplesmente morreram usando seus adornos labiais e assim os sepultaram, sem que esses seus artefatos orais se tornassem algum tipo de artefato ritualístico de enterramento ou que houvesse algum específico para tal fim. Outra consideração acerca do uso desses seis artefatos dos sítios Brite I e Brite II é que pode ter havido um descarte proposital para que esses tembetás fossem substituídos por outros em ritos de

passagem (Oliveira, 1991, p. 64) ou simplesmente substituído por outros mais atraentes no aspecto ornamental.

Finalmente, respondendo as questões pretendidas nessa pesquisa, podemos afirmar que não encontramos diferenças técnicas nos sítios Brite I e Brite II na porção piauiense da Chapada do Araripe e que apesar de não haver diferenças evidenciadas entre esses artefatos, mais estudos sobre os tembetás produzidos nessa região específica serão essenciais para um maior entendimento social e cultural sobre as comunidades pretéritas que habitavam esses campos no passado.

REFERÊNCIAS

- Binford, L. (1989). Styles of Style. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8 (1), 51-67.
- Krause, P. (2021/19/04). Cunhambebe: Um indígena foi uma das primeiras lideranças a combater a invasão do Brasil pelos portugueses. *Ciência Hoje*. URL: <https://chc.org.br/artigo/cunhambebe/>
- Collins, M. (1975). Lithic technology as a mean of processual inference. In: Swanson, E. (ed). *Lithic technology: making and using stone tools*. Mouton Publishers, 15-34.
- Corrêa, A. A. (2011). Cadeias Operatórias Tupi. *Habitus* 9 (2), 21-238. DOI: <https://doi.org/10.18224/hab.v9.2.2011.221-238>
- Dias, A.; Silva, A. (2001). Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (11), 95-108. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2001.109412>
- Dias, A. (1994). *Repensando a Tradição Umbu a Partir de um Estudo de Caso*. Dissertação (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Biblioteca Digital de Teses e Disertações PUC RS. <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/10719>
- Fontes, M. A. (Org.). (2017). *Cerâmicas Pré-Históricas na Porção Piauiense da Chapada do Araripe*. UNIVASF.
- Google Maps. (2023). *Vista superior dos limites do município de Caldeirão Grande do Piauí-PI, na porção piauiense da Chapada do Araripe*. URL: <http://google.maps.com.br>
- Hodder, I. (1988). *Interpretación en Arqueología: Corrientes actuales*. Editora Crítica.
- Hodder, I. (1982). *Symbolic and structural archaeology*. Cambridge University Press.

Kant, I. (1997). *Crítica da razão pura*. (4ª ed.). Colouste Gulbenkian.
Lemonnier, P. (1992). *Elements for Anthropology of Technology*. University of Michigan.

Mazza, S. M. (2014). Cunhambebe. Disponível em:
<http://www.leah.inhis.ufu.br/node/355>

Mello Netto, L. S. (1877). Apontamentos sobre os Tembetás (Adornos labiais de pedra) da Collecção Archeologica do Museu Nacional. *Arquivos do Museu Nacional*. (tômo 11).

Oliveira, C. A., Luna, S., Nascimento, A. (1991). A cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta. *CLIO Arqueológica*. 1(7), 11-60. URL:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/clioarqueologica/article/view/247184>

Paschoalick; L. C. A. 2001. A arte do índio Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados, MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica. *XXI simpósio Nacional de História - A História no Novo Milênio: entre o Individual e o Coletivo*.

Prado, R. A. de A. (1942). Contribuição para o estudo do tembetá. *Revista do Arquivo Municipal*, 84, 139-54.

Prous, A. (2006). *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história do nosso país*. Jorge Zahar Editor.

Alonso, M.; Prous, A. (2003). Estudo de conjuntos líticos tupiguarani. *Anais do XII congresso nacional de arqueologia brasileira*, 12.

Schiffer, M. (1972). Archaeological context and systemic context. *American Antiquity*, 37, 156-165.

Silva, J. A.; Carvalho, O. A. de; Queiroz, A. N. de. (2014). A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos adornos. *CLIO Arqueológica*, 29(1), 45-82.